



# **AVALIAÇÃO EXTERNA**

# **DAS** Mecanismos de Mudança nas Escolas e na Inspeção **ESCOLAS**

[COORD]

Isabel Fialho

José Saragoça

Sónia Gomes

Maria José Silvestre

Ana Paula Correia



**AVALIAÇÃO  
EXTERNA  
DAS** Mecanismos de Mudança  
nas Escolas e na Inspeção  
**ESCOLAS**

[COORD]

Isabel Fialho

José Saragoça

Sónia Gomes

Maria José Silvestre

Ana Paula Correia

## **AVALIAÇÃO EXTERNA DAS ESCOLAS.**

MECANISMOS DE MUDANÇA NAS ESCOLAS E NA INSPEÇÃO

Coordenação: Isabel Fialho

Conceção e Composição: Isabel Fialho | José Saragoça | Sónia Gomes  
Maria José Silvestre | Ana Paula Correia

Revisão de texto: Maria José Silvestre e Sónia Gomes

Capa: Sal Design Studio

© EDIÇÕES HÚMUS, 2013

End. postal: Apartado 7081 – 4764-908 Ribeirão, V. N. Famalicão

Tel. 926 375 305

E-mail: [humus@humus.com.pt](mailto:humus@humus.com.pt)

[www.edicoeshumus.pt](http://www.edicoeshumus.pt)

ISBN 978-989-755-862-7

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. – V. N. Famalicão

1ª edição: Junho de 2023

Depósito legal: 510570/23

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto PTDC/CED-EDG/30410/2017, e dos projetos UIDB/01661/2020 e UIDP/01661/2020, através de fundos nacionais da FCT/MCTES-PT.

# ÍNDICE

7 **Introdução**

*Isabel Fialho | José Saragoça | Maria José Silvestre | Ana Paula Correia | Sónia Gomes*

CAPÍTULO 1

15 **Modelo do 3º ciclo da Avaliação Externa das Escolas**

*Isabel Fialho | José A. Pacheco | Joana Sousa*

CAPÍTULO 2

45 **Perceções de atores políticos, inspetivos e avaliativos (inspetores e peritos externos) sobre a Avaliação Externa das Escolas como política, procedimento e experiência**

*José A. Pacheco | Isabel Fialho | Carlos Barreira | Filipa Seabra*

CAPÍTULO 3

89 **Satisfação, percepção de efeitos e mecanismos de mudança na sequência do 3º ciclo de Avaliação Externa das Escolas**

*Carlos Barreira | Maria da Piedade Vaz Rebelo | Maria da Graça Bidarra | Filipa Seabra | Marta Abelha*

CAPÍTULO 4

117 **O 3º Ciclo da Avaliação Externa das Escolas: olhares dos Inspetores**

*José Saragoça | Isabel Fialho | Maria José Silvestre | Ana Paula Correia | Sónia Gomes*

ESTUDOS DE CASO

145 **Metodologia da investigação**

*Ana Mouraz | Susana Henriques*

CAPÍTULO 5

151 **Mudanças da Avaliação Externa nas Escolas e na Inspeção. Estudos de caso**

*José Carlos Morgado | Natália Costa | Eduarda Rodrigues | Ila Beatriz Maia | Sofia Rodrigues | Helena Queirós | Sandra Vieira | Amílcar Santos*

CAPÍTULO 6

199 **Escolas em busca de melhoria: efeitos da Avaliação Externa das Escolas em agrupamentos de escolas na zona centro**

*Carlos Barreira | Maria da Graça Bidarra | Maria Piedade Vaz Rebelo | Ana Mouraz*

CAPÍTULO 7

223 **Perceções sobre o 3º ciclo da Avaliação Externa das Escolas: o olhar dos atores escolares**

*Ana Paula Correia | Maria José Silvestre | Sónia Gomes | Susana Henriques*

CONCLUSÃO

253 **Resultados globais do projeto de investigação**

*José A. Pacheco*

261 **Autores**

ESTUDOS DE CASO

## METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

Ana Mouraz | Susana Henriques

O projeto Mecanismos de Mudança nas Escolas e na Inspeção, um estudo sobre o 3º ciclo de Avaliação Externa de Escolas no Ensino não Superior, em Portugal (MAEE) operacionalizou o seu objeto de estudo numa articulação entre os diversos atores e polos em que os mecanismos de mudança provocadas pela Avaliação Externa das Escolas (AEE) se fizeram sentir, nomeadamente ao nível da Inspeção-Geral da Educação e Ciência (IGEC) e das Escolas. Dessa forma, ao analisar-se o 3º ciclo de AEE, foram objetivos específicos do projeto explorar: os mecanismos de mudança que criam efeitos na IGEC, num quadro de políticas nacionais e transnacionais; e os mecanismos de mudança decorrentes da implementação da AEE, que se traduziram em impacto e efeitos nas dimensões curricular, pedagógica e organizacional das escolas.

É nessa configuração do quadro investigativo do projeto, que congrega esses dois pólos e os intervenientes que neles laboram, que fez sentido para a equipa, que pensou o projeto, operacionalizar o segundo objetivo, também pelo recurso à realização de estudos de caso.

Os estudos de caso permitem aos investigadores mergulhar na realidade experienciada pelos agentes, numa posição de maior proximidade e menor julgamento do que estudos de cariz mais transversal ou extensivo realizam, mas suficientemente distanciados para não serem, nunca, submergidos pelo caso. Como refere Morgado (2012), trata-se aqui de mobilizar uma lógica de complementaridade entre dois paradigmas de investigação e duas abordagens ao objeto de estudo (macro e micro) que melhor possam ajudar a investigação a interpretar os fenómenos em estudo.

Lembramos, a propósito, que a realização destes estudos de caso acontece no desenrolar do projeto depois de terem sido aplicados e estudados mecanismos de cariz macro que caracterizam a AEE. Por isso, as suas finalidades no projeto são as seguintes:

- Promover a compreensão do particular, a fim de inferir e interpretar o geral.
- Analisar intencionalidades, esquemas de referência e valores subjacentes às ações dos atores locais que possam decorrer dos processos inerentes à AEE.

Especificamente, o objetivo geral destes estudos foi definido como servindo para explorar mecanismos de mudança, decorrentes da implementação do 3º ciclo da Avaliação Externa das Escolas, que se traduzem em efeitos nas dimensões curricular, pedagógica e organizacional das escolas.

De uma forma ainda mais específica as duas questões, a que cada estudo de caso pretendeu responder, foram as seguintes:

- A Inspeção implementa a AEE no sentido de consolidar nas escolas práticas de *accountability*?
- De que modo Diretores, Professores e outros atores escolares descrevem as suas perspetivas sobre *accountability* no contexto da Avaliação Externa das Escolas?

De acordo com alguns dos resultados já obtidos pelo projeto, o sentido que foi conferido aos estudos de caso ia no sentido de averiguar se a AEE era ou não indutora do desenvolvimento de uma cultura de avaliação nas Escolas, ou se ficaria apenas por um mero exercício exógeno do poder central sobre a ação de quem está no terreno. Esses dois extremos serão ainda categorizados e cruzados de acordo com a tipologia dos efeitos e dos mecanismos de mudança já estabelecidos pela revisão da literatura: Efeito discursivo (linguagem, conceitos) e procedimental (regulação normativa); Efeito parcial (fragmentada, setorial) ou estrutural (holística); Efeito exógeno (de cima para baixo, com chancela do Ministério da Educação) ou endógeno (ao nível da escola); Efeito positivo e negativo (na ótica da perceção das pessoas).

Temos consciência que esses processos de mudança vêm sendo implementados em algumas escolas desde que o processo de AEE se iniciou em 2006. Fez por isso algum sentido selecionar as escolas como casos, de acordo com as classificações obtidas no 3º ciclo de AEE, nomeadamente por referência à classificação obtida no 2º ciclo. Ficou assim decidido aplicar os seguintes critérios na escolha das escolas / agrupamentos a incluir nos estudos de caso:

- Escola(s) que tenha(m) subido de classificação – do 2º para o 3º ciclo de AEE.
- Escola(s) que tenha(m) descido de classificação – do 2º para o 3º ciclo de AEE.
- Escola(s) com classificações mais altas ou mais baixas.
- Escola(s) públicas ou particulares com contrato de associação – passaram a ser abrangidas pelo 3º ciclo de AEE.

Ficou ainda decidido que seriam realizados nove estudos de caso: norte (n=3); centro (n=3); sul (n=3), uma vez que o “rosto” da IGEC vai sendo diferenciado em cada uma destas regiões, em virtude dos grupos de inspetores e de avaliadores externos que integram as equipas de AEE. Assim como das especificidades de cada contexto regional e organizacional das escolas.

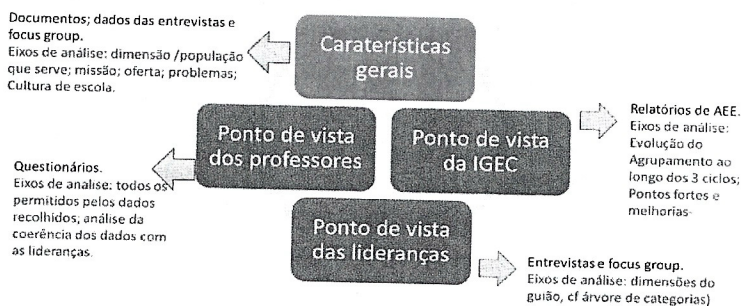
Todavia a seleção final dos casos coube às subequipas que deles ficaram encarregados, numa lógica de proximidade institucional que existe entre as Universidades que fazem parte do consórcio do projeto e as escolas que existem nos seus contextos mais alargados de influência. O argumento que fundamenta em última análise esta decisão decorre do maior conhecimento das pessoas e dos contextos que cada subequipa detém.

Escolhidas as escolas havia então que decidir que dados deveriam ser recolhidos.

Tendo em consideração a natureza do estudo, foi evidente para a equipa do projeto que o caso seria sempre estudado pelas suas características gerais, patentes e disponíveis nos diversos documentos que a escola produz, e pelas perspetivas contrastantes que do caso possuem os professores, as lideranças e a IGEC.

O esquema da Figura 1 explicita essa abordagem.

**Figura 1.** Estrutura de análise de caso.



Fonte: Elaboração das autoras

Da figura inferem-se, também, as decisões relativas ao processo de recolha de dados. Dessa forma foram recolhidos para análise documental os Relatórios de AEE; Contraditórios e Respostas; Documentos de Autoavaliação; Planos de melhoria; Projeto Educativo e Outros documentos relacionáveis com o tema produzidos pela Escola.

O guião de entrevista, desenvolvido pelas equipas do projeto MAEE, foi adaptado aos entrevistados, o que possibilitou um certo grau de flexibilidade na exploração das questões. Todavia, importa frisar que as entrevistas foram previamente estruturadas em termos de blocos temáticos e de objetivos. A elaboração de questões com base nos objetivos que se pretendem alcançar na fase de recolha de dados permitiram que as entrevistas tomassem um rumo sequencial e lógico, assim como possibilitaram um maior foco das/os investigadoras/os e dos entrevistados no tema central em estudo. Deste modo, o guião, desenvolvido para os inquéritos por entrevista, seguiu o modelo adaptado de Amado (2010, 2014) e foi utilizado de um modo flexível para todos os participantes do estudo.

O guião de entrevista, num total de 26 questões, inclui seis blocos temáticos: Bloco I: Legitimação do inquérito por entrevista, que teve como objetivo contextualizar a entrevista e motivar o entrevistado, explicitando as questões de natureza teórica, prática e ética da investigação. Assim, evidenciou-se a importância do testemunho para a investigação, garantindo o anonimato e a solicitação de autorização para realizar a gravação da entrevista com recurso a um gravador; Bloco II: Caracterização do entrevistado, que teve como objetivo a caracterização dos entrevistados no que diz respeito à formação académica, ao tempo de serviço nas funções atuais e a experiência na atividade de Avaliação Externa das Escolas; Bloco III: Avaliação Externa das Escolas (referencial e mecanismos de mudança nas escolas), que teve como objetivo conhecer as perceções relativamente ao sistema de Avaliação Externa das Escolas, em particular o 3º ciclo, e averiguar a relevância do 3º ciclo de Avaliação Externa das Escolas como processo e como experiência; Bloco IV: Inspeção-Geral da Educação e Ciência que teve como objetivo identificar os processos de mudança na Inspeção-Geral da Educação e Ciência, decorrentes do 3º ciclo da Avaliação Externa das Escolas; Bloco V: Metarreflexão que teve como objetivo captar o sentido que o entrevistado dá à própria entrevista e, por fim, o Bloco VI dedicado aos Agradecimentos e encerramento da entrevista.

Por outro lado, foi passado um inquérito por questionário *online* aos docentes dos Agrupamentos de Escolas constituído por duas partes; a primeira

refere-se a dados de caracterização e a segunda a dados de opinião, orientados por um conjunto de afirmações relativas à Avaliação Externa das Escolas (AEE) sobre as quais deveriam referir o grau de discordância ou concordância, de acordo com a escala de *Likert*: DT – Discordo Totalmente; D – Discordo; NDNC – Não Discordo, Nem Concordo; C – Concordo; CT – Concordo Totalmente. A segunda parte integra 30 itens que estão organizados de acordo com as seguintes mudanças: na Escola (itens 1, 6, 11, 16, 21, 26); no Currículo (itens 2, 7, 12, 17, 22, 27); na Sala de Aula (itens 3, 8, 13, 18, 23, 28); na Autoavaliação (itens 4, 9, 14, 19, 24, 29) e na Comunidade (itens 5, 10, 15, 20, 25, 30).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas ao diretor de agrupamento/escola (entrevista individual); ao coordenador da equipa de autoavaliação (entrevista individual) e aos coordenadores de departamento/delegados de disciplina/diretores de turma/diretores de projetos (*focus group*). Finalmente foi aplicado um inquérito por questionário aos professores do agrupamento.

As entrevistas, o *focus group*, e o questionário tinham como objetivos os que seguem:

- Conhecer as perceções dos diretores de agrupamentos/ coordenadores da equipa de autoavaliação /coordenadores de departamento, sobre a Avaliação Externa das Escolas.
- Identificar as principais mudanças na Inspeção e nas escolas, decorrentes da implementação do 3º ciclo de Avaliação Externa das Escolas.
- Conhecer os mecanismos de mudança na Inspeção e nas escolas que resultam da implementação do 3º ciclo de Avaliação Externa das Escolas.

Os objetivos referidos constituíram também as principais dimensões das entrevistas, *focus group* e questionário e permitiram organizar a estrutura categorial de análise, como adiante se explanará. Em qualquer dos casos foi ainda acrescentado um bloco de perguntas relativo à caracterização dos respondentes.

A proximidade entre a estrutura do guião das entrevistas e dos questionários serviu o processo articulado de análise seguida, mesmo tendo em consideração que as entrevistas e *focus group* foram objeto de análise de conteúdo e os questionários objeto de análise estatística descritiva.

A recolha e a análise dos dados iniciaram-se após a produção da matriz de categorização, que incluiu a definição das subcategorias, usadas na análise de conteúdo (Bardin, 1995). Com o objetivo de assegurar o anonimato

dos participantes, foi usado um sistema de codificação, quer das escolas/agrupamentos envolvidos (a primeira letra significa Caso (C), a segunda letra identifica a área territorial, ou seja, Norte (N), Centro (C) e Sul (S), tendo sido usado um algarismo para identificar os casos de cada área territorial, como se exemplifica: CS1 (Caso Sul 1); CC1 (Caso Centro 1); Caso Norte 1 (CN1), quer dos participantes inquiridos por entrevista, como se ilustra: E = Entrevista; D = Diretor (logo, ED1 = Entrevistado Diretor do Caso 1); CAA = Coordenador da Equipa de Autoavaliação (logo, ECAA2 = Entrevistado Coordenador da Equipa de Autoavaliação do Caso 2); GF = Grupo Focal (logo, EFG3 = Entrevistado do Grupo Focal do Caso 3).

Na análise dos estudos de caso, que a seguir se apresenta, foi seguida a seguinte estrutura: caracterização da escola / agrupamento de escolas em termos físicos, de oferta formativa, de perfil socioeconómico dos alunos; descrição e análise de dados empíricos; discussão e conclusões.

## Referências

- AMADO, J. (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- BARDIN, L. (1995). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- MORGADO, J.C. (2012). *O estudo de caso na investigação em educação*. De Facto Editores.